



«O RENDER DOS HERÓIS» É UM AUTO NARRATIVO

**-DECLARA-NOS JOSÉ CARDOSO PIRES
A PROPÓSITO DA SUA PEÇA QUE
DENTRO DE DIAS APARECE A PÚBLICO**

José Cardoso Pires tem no prelo uma peça de teatro intitulada «O render dos heróis». Por isso mesmo, e dado que José Cardoso Pires é um escritor que a p e n a s se apresenta quando tem algo a dizer, não queremos deixar de ouvi-lo. Eis o que nos disse o autor de «Os caminheiros e outros contos», «Histórias de amor» e «O anjo ancorado»:

O «Render» é uma narrativa dramática, um auto narrativo (no sentido vicentino) pela construção e talvez pelo acento «exemplar» ou de parábola com que é contado. Se é teatro no sentido «funcional» do termo, isso não me preocupa essencialmente. Em todo o caso, repare: trabalhei neste livro três anos. E ao cabo deste tempo, há pelo menos uma coisa que continua em mim — a convicção de que a melhor maneira de «contar» o assunto do «Render dos heróis» ainda foi aquela que escolhi. A parada dos mitos heróicos (que foi tudo o que eu quis descrever neste

caso) figurou-se-me desde princípio com determinado movimento e com determinado colorido. Isso impôs à narração um tratamento «espectacular». Espectacular, de espectacular. Esta minha história é contada em forma de espectáculo. É uma parada. Com um pouco de boa vontade tem mesmo a sua apoteose de revista, o seu «compère» e duas — «comères» — duas, como se diz na linguagem dos cartazes.

Deste modo, os capítulos deste livro podem ser realmente cenas. E vice-versa. Tanto faz...

● **Terá José Cardoso Pires entrado no território teatral?**

Saltando das fórmulas típicas do romance ou da novela, resulta que entrei no território teatral? Fiquei no limbo? Como posso eu sabê-lo?

Em Portugal e em 1960, os autores dramáticos nascem à banca de trabalho e não no palco. Começam por redigir o seu manuscrito e só depois contactam por dentro com os prestígios dos telões, da carpintaria e da iluminação de cena. A experiência demonstra que esse não é o melhor caminho. Os mestres do Kabuki, Shakespeare, Gil Vicente, etc., Lorca, Coward, Miller, fizeram precisamente o inverso. Tiveram possibilidades de o fazer, também é verdade.

E entre nós, se tirar o caso de Costa Ferreira, que por isso mesmo se estreou como autor de harmonia acabada, verá que os outros dramaturgos a sério sofreram por muito tempo os preconceitos literários derivados desse caminho «intuitivo» de escrever teatro «de fora para dentro», da banca para o palco.

A crítica soube destacar o esforço que isso representa? O exigente espectador compreendeu logo de início o que significa no país de Júlio Dantas o aparecimento de dois dramaturgos como Luís-Francisco Rebelo

e Bernardo Santareno? Salvo raríssimas excepções, não.

Como de costume, o arguto observador empenhou-se em mostrar-se prevenido, actualizado. Falou de Salacrou, já se vê, e depois falou de Lorca. E pouco mais...

● **A obsessão das «possíveis» influências é um vício de triste significado**

Esta obsessão das «possíveis influências» é um vício de triste sig-

(CONTINUA NA PÁG. SEGUINTE)



JOSÉ CARDOSO PIRES

«BEST-SELLERS» DA SEMANA

«O ARCANJO NEGRO» -DE AQUILINO RIBEIRO- FOI O LIVRO MAIS PROCURADO

SÁ DA COSTA

Nac. — «O arcanjo negro», de Aquilino Ribeiro; «Histórias de mulheres», de José Régio; «Francisco de Assis, renovador da humanidade», de Guedes de Amorim; «Olhos de água», de Alves Redol; «O enigma português», de F. Cunha Leão; «Portugaliae Monumenta Cartographica» (apesar do preço: 15 000\$00).

Trad. — «O leopardo», de Tomaso di Lampedusa; «Um homem só», de Roger Vailland; «As grandes famílias», de Maurice Druon; «As estrelas empalidecem», de Karl Bjarnhof; «Um dia diferente», de John Steinbeck; «A desobediência», de Alberto Moravia; «Férias em Cromes», de Aldous Huxley.

Estrang. — «Chaque homme dans sa nuit», de Julien Green; «Le guépard», de Tomaso di Lampedusa; romances de Lawrence Durrell; «Le dernier des justes», de André Schwartz-Bart.

Livros do Brasil — «Histórias de desencontro», de Lygia Fagundes Telles; «Gabriela, cravo e canela», «Jubiabá» e «Terras do seu fim», de Jorge Amado; «O escorpião», de Gastão de Holanda.

BERTRAND

Nac. — «O arcanjo negro», de Aquilino Ribeiro; «Histórias de mulheres», de José Régio; «Francisco de Assis, renovador da humanidade», de Guedes de Amorim; «Olhos de água», de Alves Redol; «Os flagelados do vento Leste», de Manuel Lopes; «Bandeira preta», de Branquinho da Fonseca; «Os desertores», de Augusto Abelaira; «O enigma português», de F. Cunha Leão; «A gata e a fábula», de Fernanda Botelho

Trad. — «O leopardo», de Tomaso

di Lampedusa; «A cidadela», de Saint-Exupéry; «As grandes famílias», de Maurice Druon; «Um dia diferente», de John Steinbeck; «Férias em Cromes», de Aldous Huxley; «Os desenraizados», de E. M. Remarque; «A desobediência», de Alberto Moravia.

Estrang. — «Le guépard», de Tomaso di Lampedusa; «Le dernier des justes», de André Schwartz-Bart; romances de Lawrence Durrell.

Livros do Brasil — «Histórias de desencontro», de Lygia Fagundes Telles; «Gabriela, cravo e canela», «Jubiabá» e «Terras do seu fim», de Jorge Amado; «O escorpião», de Gastão de Holanda.

PORTUGAL

Nac. — «O arcanjo negro», de Aquilino Ribeiro; «Histórias de mulheres», de José Régio; «Olhos de água», de Alves Redol; «Francisco de Assis, re-

(CONTINUA NA PÁG. SEGUINTE)

O BRASIL POSSUI UMA CRIAÇÃO AUTÓNOMA

- diz-nos **LYGIA FAGUNDES TELLES**

A presença, entre nós, de Lygia Fagundes Telles, trouxe uma rajada da simpatia brasileira, uma simpatia feita de uma ternura infinita, alacre e, no entanto, não despojada de um senso crítico a que se mistura uma ironia velada, quase sedutora. Mas vamos dar a palavra à nossa entrevistada. Quisemos saber, em primeiro lu-

HELENISMO

A escolha é sempre difícil. Não é à toa que um filósofo como Sartre haja colocado Mathieu como símbolo de uma época de transição e um humanista como Gide tenha escolhido a disponibilidade como atitude ideal do homem. No fundo, a escolha de um implica no abandono de inúmeros, ou melhor, na desistência de todo um infinito de possibilidades. Deter-se um pouco significa destruir os possíveis, e não pode haver acto menos filosófico do que este: matar os possíveis.

Depois de mais de um século de várias formas de determinismo histórico, o pensamento de Arnold J. Toynbee em matéria de História veio tentar um equilíbrio entre as teorias que eliminam a responsabilidade pessoal do homem perante os acontecimentos e as que acham que a História, como tudo o mais, só tem um herói: o homem. Já Engels expusera uma ideia que buscava o equilíbrio, quanto escreveu: «É o homem quem faz a História, mas num meio que o condiciona».

Os cem anos seguintes viveriam sob a égide dessa dúvida. Passamos, então, a pôr, no tempo de uma existência humana, todas as possibilidades existentes em largos períodos de vida do homem sobre a terra. Toynbee veio chamar a atenção do mundo para uma perspectiva histórica de certo modo mais de acordo com a visão normal da inteligência do homem. Os diversos «tempos» de um acontecimento, de um lugar, de um povo, decorrem em ciclos mais ou menos grandes, quase sempre determinados por uma situação de «desafia-e-resposta». Chega uma nação, um aglomerado

(CONT. NA PÁG. SEGUINTE)

aticismo, o pesquisador insaciável de novas formas de prospecção humana e de expressão literária. Os géneros, nas suas mãos, exorbitam dos limites, indiferenciam-se para ganhar nova especificidade. A aplicação à narrativa de processos cinematográficos, como o «primeiro plano», o «close up», o «flash-back» (o capítulo do delírio em «Memórias póstumas de Braz Cubas») fazem dele, como demonstrou R. Magalhães Júnior, um precursor de alguns mestres do cinema, para os quais o cenário é quase sem importância.

Não sei, confesso, nas literaturas de língua portuguesa, de escritor que mais funda e lucidamente houvesse remexido os lodos da nossa condição. Dai, a gravidade, a um tempo desesperada e serena, do seu humor. Nem a ironia de Eça, nem o sarcasmo de Camilo. O desencontro do seu humor traz sempre uma revelação: a do homem que, conhecendo os homens, tem pena de não poder crer neles, sentir-lhes o encanto. Não que se dessolidarize. O seu aristocracismo é o aristocracismo de um demófilo. «A simpatia é o meu léxico», escreveu.

Por que tentei erguer assim a figura de Machado de Assis no limiar da obra de Lygia Fagundes Telles? Porque não conheço, no Brasil, escritor «tão da sua linhagem». A sibilina sonda que Lygia lança nas almas tem um fio machadiano. Como as de Machado, as suas personagens desgarram-se do meio (que, no entanto, as marca) e falam a linguagem do homem perante o próprio destino. São, lavadas da patine ambiental, tanto de São Paulo como

(CONTINUA NA PÁG. SEGUINTE)

«O NINHO DA ONÇA» -DE ALBERTO LOPES

Alberto Lopes, autor de «A última estação» e «Madrugada indecisa», vai publicar, dentro de dias, um livro de novelas: «O ninho da onça». O jovem escritor prepara, entretanto, um novo romance, a que pôs o título de «Face iluminada».

POSTO DE OBSERVAÇÃO

EM INGLATERRA

Linguística

Saiu em Inglaterra uma colectânea de ensaios sobre linguística, por Eric Partridge (Hamish Hamilton, Londres). Do sumário constam os seguintes temas: «Business English and its Confederates»; «When is bad grammar good?»; «The etymology of etymology», etc.

EM FRANÇA

O habitante da Avenida de Camões

St-J. Perse, o último «Nobel» de Literatura, ocupava em Paris um apartamento na Avenida de Camões, quando os nazis entraram na cidade. O diplomata Alexis Léger era um homem importante, fora amigo e confidente de Briand, secretário-geral do Qual

d'Orsay e passava por saber de assuntos de política internacional.

O poeta não foi detido. Talvez não estivesse em casa. Também parece que não havia lá nenhuns documentos. Havia apenas uns sete volumes de poemas manuscritos, que foram queimados...

EM ESPANHA

Poesia e mística

A poesia lírica de São João da Cruz, o cunho tradicional do seu verso e a sua dívida à poética da Renascença — a par do fundo fornecido pelos cantos de S. Francisco de Assis e Jacopone da Todí — constituem a matéria do ensaio «Poesia e Mística», do prof. Emilio Orozco (Ediciones Guadarrama, Madrid), cujos estudos sobre o barroco figuram entre o que de melhor se escreveu sobre o assunto.

gar, o que pensava acerca da situação actual das relações culturais entre Portugal e o Brasil:

— Eu creio que no momento estamos inaugurando uma nova fase dessas relações. Há muito tempo que os escritores e o povo brasileiro gostariam de estar bem próximo de Portugal, de modo a anular a distância de mar e céu que nos está separando, quando devia nos aproximar. E a verdade é que tanto em Portugal como no Brasil se revela a mesma curiosidade de um conhecimento mútuo e profundo, que não seja apenas seco formulário oficial.

— E que medidas julga possível

(CONTINUA NA PÁG. SEGUINTE)



LYGIA FAGUNDES TELLES

NA COLEÇÃO
CONTEMPORÂNEA

duas reedições, há muito esperadas:

HISTÓRIAS DE MULHERES

UMA OBRA-PRIMA
DA MODERNA NOVELÍSTICA
PORTUGUESA

POR JOSÉ RÉGIO

OLHOS DE ÁGUA

UMA DAS MAIS BELAS
CRIAÇÕES DE ALVES REDOL

PEDIDOS A
PORTUGÁLIA
EDITORA
Avenida da Liberdade, 13, 3.º - LISBOA

«O RENDER DOS HERÓIS»

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. ANTERIOR)

nificado. Revela uma mentalidade provinciana disfarçada de cosmopolitismos actualizados, «up to date», mas só actualizados naquilo que a realidade tem de aparato. E «aparato» em crítica traduz-se por «eruditismo».

São poucos os comentadores de literatura que não confundem Cultura com eruditismo.

Isso explica-se: não podendo agarrar uma questão pelo fulcro, porque há condicionamentos que os impedem disso, os comentadores pegam-lhe pelos aparatos que podem também explicá-la. Esse método tornou-se vício. Criou um deslumbramento pelas «formas», pelas «técnicas», pelo subsidiário parcialmente significativo. A explicação de um autor através das influências estrangeiras está nesse caso. Serve realmente (mas só em parte) para situar o escritor, para o definir, mas serve quase sempre ao próprio comentador como auto-abonação da sua bagagem erudita.

Ora, precisamente aqui é que se mostra o provincianismo de um crítico — na exibição do seu eruditismo. Um dos seus defeitos é fazer cultura «em família» e isso denuncia-se pela atitude que tem em relação às coisas portuguesas e em relação às coisas do «grande mundo», ou seja, pelo seu cosmopolitismo.

Um provinciano letrado, quando viaja, vai de espanto preparado. É de uma exigência feroz no que respeita às nossas coisas e de uma valorização pasmada do que se cria no estrangeiro. Por exemplo: notou ele o fiasco estrondoso de Camus no «Requiem» de Faulkner? Ou o de Laurence Olivier no «Rinoceronte» de Ionesco, se o viu? Ousou alguma vez sobrepor a interpretação de um Rogério Paulo nas «Feiticeiras» à de um Marc Cassot, «vedeta» da Companhia «des Mathurins»?

Desconfio que não...

Pessoalmente acho detestável responder aos jacobinismos patrioteiros dos franceses com cosmopolitismos *à la portugaise*.

Outro sinal de decadência é a «acomodação indiferente» ao facto consumado. Acho que isso leva sistematicamente ao endeusamento dos mortos e ao menosprezo dos vivos.

Deus livrasse, por exemplo, Luís-Francisco Rebello ou Santareno de terem escrito uma peça como o *Ca-tião*. (Entre parêntesis, felizmente que Deus os livrou...) É um dramaturgo que hoje se lembrasse de apresentar uma tirada do estilo daquela do célebre «Ninguém!» do Romeiro de Garrett? Pois fê-lo Júlio Dantas com o «em que pensas, Cardeal?» que é da mesma força da outra.

Mas Dantas é *facto ussente*, não vale a pena falar. E Garrett é *tradição* e na tradição não se toca nem com uma flor. Deixa-se estar quietinha e respeitada e contempla-se de chapéu na mão como se olha o túmulo de um herói desconhecido.

António José Saraiva teve um dia a infeliz ideia de declarar a pobreza da nossa tradição teatral. Jesus! Cairam-lhe em cima a lamentar tamanha ingratidão e a dizer que parecia impossível ter esquecido o «Frei Luís de Sousa», de só falar em Gil Vicente e não sei mais quê.

Como vê, o sossego tumular das tradições é excelente para confundir e para prestigiar os mortos que convêm.

Ter um Gil Vicente, autor moderno de estrutura universal, não chega. É preciso comprometê-lo com descendentes. A verdade é que temos um Mestre Gil, e depois... Depois temos, noutra degrau mais baixo, o Judeu e Raul Brandão. Espere! existe ainda um teatro de Cordel, mas isso aí é continente fabuloso e selvagem onde não sei se algum bandeirante penetrou depois de Forjaz de Sam-paio.

● Situado num ambiente histórico definido, o «Render» não é uma narrativa histórica

Embora se situe num ambiente histórico definido e recorra a personagens reais, o «Render dos heróis» não é uma narrativa histórica. Aconteceu apenas que me pareceu encontrar no clima nacional de 1846, e nos sucessos desse tempo, um ambiente psicológico adequado à parábola dos heróis sem estandarte que, é afinal, o que pretendi descrever.

Obedeci evidentemente às linhas fundamentais dos acontecimentos, sem as desviar do seu triste significado. Foi até daí que eu parti — do significado de uma aventura desesperadora, sem estandartes, ou seja, sem ideal superiormente organizado. Saíram assim os heróis do acaso ou, se quiser, os heróis traídos, deste meu livro. A conjura moral e psicológica que os derrotou interessou-me muito mais do que a evolução dos acontecimentos em si mesmos. A realidade tornou-se grotesca e por isso não hesitei em encerrar a tragédia com uma apoteose das injustiças, inspirada directamente em caricaturas da época.